



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA
EDUCAÇÃO FACULDADE DE
EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TÂNIA NAZARETH GAMA DA SILVA

**O CONHECIMENTO DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UFPA ACERCA DA
VIOLÊNCIA ESCOLAR: O BULLYING E SEUS DESDOBRAMENTOS**

BELÉM/PA
2025

TÂNIA NAZARETH GAMA DA SILVA

**O CONHECIMENTO DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UFPA ACERCA DA
VIOLÊNCIA ESCOLAR: O BULLYING E SEUS DESDOBRAMENTOS**

Artigo apresentado ao curso de Graduação em
Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do
Pará como requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Klineyder Gomes de Freitas.

BELÉM/PA
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)**

D111c Da Silva, Tânia Nazareth Gama.
O Conhecimento de Estudantes de Pedagogia da UFPa
Acerca da Violência Escolar: O Bullying e Seus
Desdobramentos / Tânia Nazareth Gama Da Silva. — 2025.
28 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Leandro Klineyder Gomes de
Freitas

Trabalho de Conclusão (Graduação) – Universidade
Federal do Pará, , 3, Belém, 2025.

1. Violência Escolar. 2. Bullying. 3. Enfrentamento.
I. Título.

CDD 371.782

TÂNIA NAZARETH GAMA DA SILVA

**O CONHECIMENTO DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UFPA ACERCA DA
VIOLÊNCIA ESCOLAR: O BULLYING E SEUS DESDOBRAMENTOS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leandro Klineyder Gomes de Freitas (ICED/UFPA)
(Orientador)

Prof. Ms. Raimundo Nonato Leite de Oliveira (ICED/UFPA)
(Examinador)

Prof. Dr. Evanildo Moares Estumano (ICED/UFPA)
(Examinador)

Data da defesa: 15/09/2025
Conceito: EXC.

BELÉM/PA
2025

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo o apoio da minha família (mãe, pai, irmãos, avó, tios e tias), durante toda minha vida, agradeço por sempre acreditarem em mim, em especial, à três mulheres incríveis a quem eu devo tudo que tenho e tudo que sou. A minha avó Rita agradeço por me criar e por sempre fazer o possível e o impossível para cuidar de mim e dos meus irmãos. Agradeço a minha mãe por acreditar junto comigo, por me defender com unhas e dentes, por me apoiar, por me ajudar e por confiar até o fim. E por último, agradeço infinitamente, com todo o meu coração, a minha tia Gleiciane, por ser tudo que eu precisei durante toda a minha vida, obrigada por acreditar, mesmo quando eu tinha desistido, obrigada por segurar minha mão nos meus piores momentos, obrigada por ser o exemplo que me ajudou a crescer como mulher e como ser humano, obrigada por confiar e me amar incondicionalmente.

Não posso deixar de agradecer ao meu amor, Dyanna, que esteve comigo durante esses 4 anos de curso, que viu de perto tudo que eu tive que passar, que viu meu cansaço, que viu meu estresse, que ouviu minhas reclamações e que nunca deixou eu nem pensar em desistir, obrigada por ser abrigo, por ser segurança, por ser cuidado e principalmente por ser amor em todos os momentos, seu apoio e suporte foram essenciais para que eu chegasse até aqui, sou eternamente grata.

Também gostaria de agradecer aos amigos de longa data, Victor e Andressa, por estarem comigo durante todo o processo, me ajudando, me ouvindo e me incentivando, vocês são anjos na minha vida, obrigada por todo o suporte que vocês me dão.

Agradeço imensamente aos meus amigos de curso, aqueles que eu vou levar para vida toda, juntos vivemos momentos incríveis durante esses 4 anos, obrigada André, Ranyelle, Renata, Aldo, Franklin e Eliani, estar nessa caminhada com vocês foi o que tornou tudo mais fácil e leve, obrigada pelas risadas, pelas conversas, pelos trabalhos feitos, enfim, obrigada pela amizade. Não poderia deixar de registrar minha eterna gratidão ao Edésio, que, mesmo não estando mais fisicamente presente, continua sendo fonte de inspiração para todos nós, sua lembrança nos guiou e nos fortaleceu em cada etapa desta caminhada.

E por fim, registro minha sincera gratidão a todos os professores do curso, que, com dedicação e compromisso, contribuíram de maneira significativa para minha formação acadêmica e pessoal. Cada ensinamento compartilhado foi fundamental

para o desenvolvimento do meu aprendizado e para que eu chegasse até aqui. Em especial, agradeço ao meu orientador, Professor Dr. Leandro Klineyder Gomes de Freitas, pela paciência, disponibilidade e competência com que me guiou durante a elaboração desse trabalho. Sua orientação foi essencial para que eu pudesse amadurecer minhas ideias e concretizar esse TCC.

O CONHECIMENTO DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UFPA ACERCA DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: O BULLYING E SEUS DESDOBRAMENTOS¹

Tânia Nazareth Gama da Silva²

RESUMO

O presente artigo analisa o conhecimento de estudantes, do curso de pedagogia, da UFPA, acerca da violência escolar, em particular, o bullying e seus desdobramentos. Essa pesquisa tem como objetivo investigar e analisar o conhecimento dos estudantes de pedagogia da UFPA campus de Belém acerca da violência escolar, particularmente sobre Bullying, e identificar se os estudantes sabem diferenciar os tipos de violência que ocorrem em ambientes escolares, verificar os conhecimentos dos estudantes sobre o conceito de Bullying e sugerir como esses estudantes podem atuar e contribuir no enfrentamento dessa violência. Para a realização deste trabalho foi utilizada uma abordagem qualitativa, que contou com um levantamento bibliográfico de obras que envolveram trabalhos como: artigos e livros *etc.*, foi produzido também um questionário com perguntas fechadas e abertas, elaborado no *Google Forms* a fim de coletar dados e informações que deram embasamento para discutir e responder os questionamentos feitos no objetivo e no problema da pesquisa. Conclui-se que a violência escolar, manifestada de diversas formas, encontra no bullying uma de suas expressões mais recorrentes e prejudiciais, comprometendo o desenvolvimento social, emocional e educacional das vítimas. Dessa forma, o enfrentamento desse problema exige ações integradas, que envolvam não apenas a escola, mas também a família e a comunidade, a fim de promover ambientes mais seguros e inclusivos.

Palavras-chave: violência escolar; bullying; enfrentamento.

¹ Artigo elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UFPA (Campus Belém). Orientado pelo Prof. Dr. Leandro Klineyder G. de Freitas da Faculdade de Educação/ICED/UFPA.

² Graduanda do curso de Pedagogia (Campus Belém) da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: tania.silva@ifch.ufpa.br

INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno que está enraizado na sociedade desde os primeiros registros das relações humanas, as nações foram forjadas a partir das narrativas de guerras, de abusos e de exploração do ser humano em relação ao outro. Usar da violência para demonstrar poder e força sempre foi algo intrínseco à humanidade, o país foi fundado a partir de uma narrativa violenta, e com o passar do tempo esse fenômeno tomou conta do cotidiano, do trabalho, das casas, e consequentemente, das escolas. A escola, como instituição formadora de sujeitos e que abrange vários atores em seu núcleo, está cada vez mais inserida nesse contexto de violência.

As várias formas de expressões de violência vão ganhando cada vez mais força no mundo contemporâneo, o modo de produção capitalista que vivemos e o avanço da tecnologia são fatores cruciais no aumento da barbárie social que estamos imersos, associado a esses fatores está o preconceito, o racismo, o *bullying*, o machismo que permeia as relações sociais até os dias de hoje e que motiva ainda mais a violência entre pares. Essas expressões acabam adentrando na cultura, nas instituições sociais, nos grupos familiares e modificando de forma negativa a dinâmica presente nesses ambientes, muitas vezes os levando a ruína. Inserida nesses processos e relações, a escola, com seu papel formador, pode contribuir ativamente na discussão, na mudança ou até mesmo na superação desses comportamentos, culturalmente, violentos e abusivos dos indivíduos.

A escola tem papel fundamental dentro dos processos formativos dos sujeitos e, junto com a família, tem a responsabilidade de preparar os indivíduos para o convívio em sociedade. A partir dessa afirmação se torna crucial entendermos que a violência possui raízes históricas e culturais e que ela se manifesta em diferentes idades, momentos e ambientes e para além disso, saber que a escola pode ser um grande reforçador de comportamentos violentos, através de algumas práticas tradicionais que são costumeiras dentro do cotidiano escolar. Não obstante, é importante destacar que a escola tem um papel importante na formação dos indivíduos, na transmissão do conhecimento e no acesso aos bens culturais, e que esses indivíduos podem contribuir para que essa sociedade possa ser modificada para se tornar justa e igualitária, permitindo, assim, a liberdade individual (Crochík;

Dias; Freller; Correa; Correia, 2018).

Tendo em mente toda essa dinâmica complexa de violência que está entrelaçada nas relações sociais, é necessário discutir e entender como esses processos vão impactar o cotidiano, a dinâmica e as relações escolares e como eles podem impactar a vida de todos que estão inseridos e envolvidos nesses processos. Nós como futuros educadores, incluídos dentro desse ambiente escolar, estaremos sujeitos a vivenciar todos os tipos de situações, questões e discussões que envolvem essa comunidade escolar, sabendo disso precisamos estar, no mínimo, atentos e preparados para lidar com essas questões acerca da violência na escola.

É possível afirmar que as violências sofridas dentro da escola vieram sendo cada vez mais constantes ao longo dos anos, e a forte presença desse fenômeno preocupa todos que estão envolvidos no processo educacional das crianças e adolescentes, principalmente o professor, que é quem vive diariamente dentro da sala de aula, onde são registradas a maioria das ocorrências. E preocupa, pois, é na sala de aula e na escola, propriamente dita, que essas crianças vivenciam o processo de ensino e aprendizagem, que elas constroem relações sociais e afetivas com seus pares e aprendem a respeitar uns aos outros.

É preciso entender que a criança que passa por uma situação de violência dentro da sala de aula ou nas dependências da escola é afetada por esse fenômeno, negativamente, de várias formas, e o professor/coordenador/diretor precisa agir de forma ativa diante das situações. Hoje, nas escolas, *o bullying* é a materialização da violência, e essa prática envolve vários atores onde cada um assume um papel dentro desse fenômeno. Atualmente, por exemplo, considera-se que existem três categorias de participantes envolvidas na sua prática: vítimas, agressores e observadores. Ele é, ainda, classificado como direto ou indireto (Silva; Oliveira; Bazon; Cecílio, 2013). Essas práticas costumam reverberar fortemente na vida de quem está envolvido, podendo ter consequências sérias e preocupantes no decorrer da vida das crianças e adolescentes e pensando nesta perspectiva de violência educacional e atuação docente diante dela é que este trabalho se faz necessário.

A partir dessa discussão, esse trabalho tem como objetivo principal investigar e analisar o conhecimento dos estudantes de pedagogia da UFPA campus de Belém acerca da violência escolar, particularmente sobre Bullying, como objetivos adjacentes

o seguinte trabalho pretende identificar se os estudantes sabem diferenciar os tipos de violência que ocorrem em ambientes escolares, verificar os conhecimentos dos estudantes sobre o conceito de Bullying e sugerir como esses estudantes podem atuar e contribuir no enfrentamento dessa violência. Diante disso, na pesquisa pretendo trabalhar em torno do seguinte problema: De que modo os discentes e futuros professores podem contribuir para o entendimento conceitual para e enfrentamento dos vários tipos de violência, em particular o *Bullying*, que ocorrem em ambientes escolares?

O presente trabalho utilizou uma abordagem qualitativa que, primeiramente, passou pelo processo de escolha do tema e logo em seguida, foi feito um levantamento bibliográfico de obras que envolveram trabalhos como: livros e principalmente artigos a respeito da temática escolhida. Para fazer esse levantamento foram usadas algumas plataformas de buscas como o Google Acadêmico e a Scielo Brasil. Também foi produzido um questionário com perguntas fechadas e abertas, destinado aos alunos do curso de Pedagogia da UFPA, elaborado no *Google Forms* a fim de coletar dados e informações que deram embasamento para discutir e responder os questionamentos feitos no objetivo e no problema da pesquisa. A partir desse ponto de partida de busca em repositórios da internet e processos contínuos de estudos, a pesquisa bibliográfica começou a ser pensada, elaborada e escrita e por fim, tomou forma de uma produção acadêmica e de caráter científico.

A pesquisa está estruturada de forma a abordar de maneira clara e objetiva o tema da violência escolar, como foco no *bullying* em ambientes escolares. Inicialmente, a introdução apresenta o contexto da violência na sociedade e como ela se infiltra em ambientes educacionais afetando a vida acadêmica, pessoal e familiar dos nossos estudantes e transformando a escola em um ambiente hostil e inseguro. No tópico posterior é definido e conceituado a violência escolar em suas diversas formas de acordo com autores referência e especialistas na temática. Em seguida é discutido o *bullying* como uma manifestação específica desse fenômeno, com ênfase nas suas características, causas e consequências para os envolvidos. No decorrer do trabalho, a seção de reflexão fará uma análise dos resultados do questionário, a fim de responder à pergunta problema da pesquisa e identificar possíveis soluções, será utilizado letras do alfabeto para nomear e identificar as opiniões dos estudantes com o intuito de preservar a identidade dos mesmos. Por fim, as considerações finais

sintetizam as conclusões da pesquisa, destacando a importância de políticas públicas e ações dentro das escolas para prevenir e combater o bullying, promovendo um ambiente mais seguro e saudável para todos.

CONCEITUANDO VIOLÊNCIA ESCOLAR

Ao longo do tempo, diversos estudos entre os quais: Charlot (2002), Abramovay e Rua (2002), Abramovay (2021), Priotto e Boneti (2009) e Santos, Souza e Dias (2023) têm discutido o tema violência escolar no mundo todo e claro que o Brasil não ficou de fora dessa discussão, o tema vem sendo debatido fortemente desde a década de 1980, e sendo amplamente abordado na literatura acadêmica. Para entender melhor esse fenômeno, neste artigo utilizamos os conceitos de Charlot (2002) que distingue a violência escolar em: violência na escola, violência à escola e violência da escola. O autor diz que a violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar, para ele a escola é apenas o lugar de uma violência que poderia acontecer em qualquer outro local. A violência à escola já estaria ligada à natureza e às atividades da instituição escolar, seriam aquelas violências que visam diretamente a instituição e aqueles sujeitos que a representam. A violência da escola seria uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam. Para Charlot (2002) “Esta distinção é necessária: se a escola é largamente (mas não totalmente) impotente face à violência na escola, ela dispõe (ainda) de margens de ação face à violência à escola e da escola”.

Para corroborar ainda mais esses conceitos, o autor ainda faz uma outra distinção, que ele considera pertinente, que seria a questão da violência, a da agressão e da agressividade. Charlot (2002) vai afirmar que a agressividade é uma disposição biopsíquica reacional: a frustração leva à angústia e à agressividade. A agressão é um ato que implica brutalidade física ou verbal e a violência remete a uma característica desse ato, enfatiza o uso da força, do poder, da dominação, é o que percebemos nesta afirmação do autor:

De certo modo, toda agressão é violência na medida em que usa a força. Mas parece pertinente distinguir a agressão que utiliza a força apenas de maneira instrumental, até mesmo que se limita a uma simples ameaça (como a

extorsão para apossar-se, por exemplo, de tênis, bonés ou outro qualquer pertence pessoal de alguém: se a vítima não resiste, não é ferida) e a agressão violenta, na qual a força é utilizada muito além do que é exigido pelo resultado, como uma espécie de prazer de causar mal, de destruir, de humilhar (CHARLOT, 2002, p. 436).

O autor diz que é uma ilusão querer desaparecer com a agressividade, a agressão e o conflito, pois elas são inerentes e até certo ponto, condutas socialmente valorizadas em alguns aspectos da nossa vida, mas o desafio seria saber quais são as formas de expressão legítimas e aceitáveis da agressividade e do conflito? O desafio será regulá-los pela palavra e não pela violência “ficando bem entendido que a violência será bem mais provável, na medida em que a palavra se tornar impossível” (CHARLOT, 2002, p. 436). Charlot (2002) ainda discute em seu trabalho uma outra distinção que é importante saber, a distinção entre violência, transgressão e incivilidade. O autor nos diz que pesquisadores franceses desenvolveram essa distinção que vai ser necessária para diferenciar cada uma delas e entender que nem tudo que ocorre em um ambiente escolar pode ser colocado em uma só categoria. Ele diz que o termo violência, para os pesquisadores, deve ser reservado ao que ataca a lei com uso da força ou ameaça usá-la: lesões, extorsão, tráfico de droga na escola, insultos graves. A transgressão é o comportamento contrário ao regulamento interno do estabelecimento (mas não ilegal do ponto de vista da lei): absenteísmo, não realização de trabalhos escolares, falta de respeito etc. A incivilidade não contradiz, nem a lei, nem o regimento interno do estabelecimento, mas as regras de boa convivência: desordens, empurrões, grosserias, palavras ofensivas, geralmente ataques frequentes ao direito de cada um, seja ele professor, funcionário ou aluno (CHARLOT, 2002, p. 237). Desse modo,

[...] um tráfico de drogas não depende do conselho de disciplina do estabelecimento, mas da polícia e da justiça; inversamente, um insulto ao ensino deve ser tratado pelas instâncias do estabelecimento e não justifica que se chame a polícia. Quanto à incivilidade, ela depende fundamentalmente de um tratamento educativo (CHARLOT, 2002, p. 237).

Outros autores também discutem o fenômeno da violência nas escolas para além da criminalidade e da ação policial, mas acrescentam a esse fenômeno novas formas de organizações sociais relacionadas com a exclusão social e institucional, Abramovay e Rua (2002) afirmam que como resultado, nos últimos tempos, vêm-se desenvolvendo novas concepções acerca da violência nas escolas, pelos significados que assume, ampliando-se a sua definição de modo a incluir eventos que antes

passavam por práticas sociais costumeiras. Para as autoras, entende-se por violência a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) e contra si mesmo – abrangendo desde suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito, disfarçada sob a denominação de “acidentes”, além das diversas formas de agressão sexual. Compreende-se, igualmente, todas as formas de violência verbal, simbólica e institucional (ABRAMOVAY e RUA, 2002, p. 94).

Abramovay (2021) “destaca que a escola não apenas reproduz as violências correntes na sociedade, mas produz formas próprias, de diversas ordens, tipos e escalas, que se refletem no dia a dia”. Para a autora, a violência escolar não é apenas um problema isolado da escola, mas sim uma questão social que reflete as desigualdades e tensões presentes na sociedade. É o que constatamos na citação abaixo:

As agressões verbais, especialmente os xingamentos, consideradas microviolências, incivildades, desrespeito, ofensas, modos grosseiros de se expressar e discussões, ocorrem muitas vezes por motivos banais ou ligados ao cotidiano da escola. Dentro de uma concepção ampla do fenômeno da violência e sua interferência no cotidiano escolar, microviolências são vistas efetivamente como violências, e são cada vez mais comuns (ABRAMOVAY, 2021, p. 9).

Para ela, a violência escolar não se restringe a atos de agressão física, mas também engloba práticas como bullying, racismo, a exclusão e os abusos de poder que acontecem dentro das instituições educacionais. Priotto (2008) comentado por Priotto e Boneti (2009) amplia ainda mais os conceitos dos autores já comentados aqui, trazendo uma proposta de diferenciação entre violência na escola, violência contra a escola, e violência da escola. A autora diz que a violência na escola vai se caracterizar por diversas manifestações que acontecem no cotidiano da escola, praticadas por e entre professores, alunos, diretores, funcionários, familiares, ex-alunos, pessoas da comunidade e estranhos, são atos ou ações de violência: Física - contra os outros, contra grupos e contra si próprio (suicídios, homicídios, espancamentos, deferimentos, roubos, assaltos, ferimentos, golpes, estupro, agressões sexuais, exibicionismo, porte de armas que ferem, sangram e matam; drogas [uso, oferta, venda, distribuição de Álcool, Tabaco, Maconha, Cocaína, Crack, Merla, Anfetamínicos e outros]); Incivildades - desacato, palavras grosseiras, indelicadeza, humilhações, falta de respeito, intimidação ou bullying. A violência

contra a escola é classificada como atos de vandalismo, incêndios e destruição, roubo ou furtos do patrimônio como: paredes, carteiras, cadeiras, portas, cabos de fiação, cabos de telefone, materiais e equipamentos das instituições escolares. E por fim ela diz que a violência da escola é todo tipo de práticas utilizadas pela instituição escolar que prejudicam seus membros (qualquer um destes) como: os fracassos escolares, falta de interesse em permanecer na escola, o conteúdo alheio aos interesses dos alunos e do mercado de trabalho, os preconceitos (racismo), a desvalorização (tanto da instituição para com o aluno, como do aluno para si mesmo). (PRIOTTO e BONETI, 2009, p. 168-169).

Ao refletir sobre as múltiplas dimensões que envolvem a violência, torna-se crucial compreender que ela não pode ser reduzida apenas a um ato isolado e em hipótese alguma, deve ser vista como um comportamento individual desvinculado de um contexto. A violência manifesta-se como um fenômeno complexo, e que precisa estar atrelado a condicionantes sociais, culturais e subjetivas que se cruzam no cotidiano das relações humanas. Nesse sentido, Santos, Souza e Dias (2023) ressaltam que:

Todavia, da mesma forma que a violência se encontra enraizada nas relações sociais como uma força exterior ao indivíduo, ela também resulta da expressão de complexos processos psíquicos que manifestam o potencial de agressividade e impulsos de crueldade, suscetíveis ao humano. Nesse sentido, a origem da violência precisa ser pensada numa perspectiva dialética, nessa tensão permanente entre universal e particular, entre indivíduo e sociedade, cuja realidade emerge na própria constituição do indivíduo em relação com a cultura, em meio aos processos formativos socialmente instituídos (SANTOS; SOUZA; DIAS, 2023, p. 44).

Na próxima seção abordaremos um tipo específico de violência praticada nas escolas e que está diretamente ligado aos nossos objetivos e problema de pesquisa, a saber: o *Bullying*.

O BULLYING COMO EXPRESSÃO DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA

O *bullying* é um fenômeno que tem crescido e se manifestado com mais força ano após ano dentro das escolas, ele é entendido como uma das formas mais recorrentes de manifestação da violência no ambiente escolar. A Lei nº 13.185, em vigor desde 2016, classifica o *bullying* como intimidação sistemática, quando há

violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação. A classificação também inclui ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros. Esse fenômeno vai se caracterizar por agressões intencionais e repetitivas cometidas pelo agressor ou agressores e se destaca pelo desequilíbrio de poder entre os envolvidos, é um fenômeno tão pontual que acaba comprometendo a parte emocional, as relações sociais e escolares da vítima. A escola, nesse contexto, se torna palco e, ao mesmo tempo, se torna um fator potencializador dessas relações desiguais, dessas tensões sociais. Por isso, compreender o bullying como expressão da violência escolar é essencial para pensar em estratégias de prevenção e enfrentamento dessa violência.

O termo bullying foi trabalhado inicialmente pelo psicólogo Dan Olweus (1978) *apud* Zafani, Colombani e Yazawa (2024) que menciona

como bullying (bullying, do inglês bull, “touro”, “valentão”), que se diferencia de outras condutas violentas por fazer parte de um processo com características que aumentam sua gravidade, dentre elas, a repetição e o fato de se tratar de um fenômeno que ocorre escondido das figuras de autoridade e que muitas vezes se apresenta por meio de violência simbólica (OLWEUS, 1978 *apud* Zafani; Colombani e Yazawa 2024, p. 128).

Como os autores destacaram, o *bullying* é uma forma de violência que se diferencia pelo seu caráter repetitivo, como Hammes e Schwinn (2014) conceituam “O fenômeno do bullying é definido pela maioria dos autores, como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, adotadas por um indivíduo contra outro(s), sem motivos evidentes, causando dor e sofrimento, dentro de uma relação desigual de poder, o que possibilita a intimidação”. Esse conceito também é reforçado em Fante (2005) *apud* Zafani, Colombani e Yazawa (2024) que aponta que o *bullying* pode ser definido como “o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão”. O *bullying* também se caracteriza por se manifestar dentro de uma relação desigual de poder, onde o mais forte gera uma onda de intimidação naqueles considerados mais fracos causando dor, medo e sofrimento nesses indivíduos. Crochík (2014) ressalta que:

A intimidação presente no bullying gera o medo constante, o que parece ser propício a uma sociedade fascista: aqueles que destoam da maioria e não fazem parte dos grupos socialmente valorizados devem temer, não importa o que façam; aliás, se como dito, é a ausência de reação ou reação insuficiente que gera e mantém o bullying, não depende da vítima a cessação da violência, a não ser que ela se iguale na força, o que não resolve o problema, só o reproduz (CROCHÍK, 2014, p. 117).

Esse tipo de relação gera uma hierarquização dentro do ambiente escolar, que se manifesta atribuindo melhores e piores alunos dentro da sala de aula, alunos com mais aptidões para esporte, mais forte corporalmente, em detrimento daqueles que não tem, essas hierarquias criam uma dinâmica desigual dentro do contexto escolar e acarretam consequências significativas nas relações de poder. Para Crochík (2014) “O *bullying*, ao expressar e reafirmar a estrutura hierárquica, revela a dupla despersonalização: do agressor, que atende a prazeres primitivos, e da vítima, que não é percebida como indivíduo.

A escola, enquanto instituição social, pode atuar como um espaço de reprodução das desigualdades do desequilíbrio nas relações de poder, refletindo hierarquias presentes na sociedade. Ao privilegiar determinados comportamentos em detrimento de outros, a instituição escolar tende a reforçar hierarquias sociais, culturais e econômicas, legitimando privilégios de grupos já favorecidos e marginalizando aqueles em situação de vulnerabilidade. Abramovay (2021) ressalta que “A escola possui seus próprios mecanismos de exclusão e seleção social, escolhendo alguns e colocando para fora outros. Esses “outros”, em geral, são os que não conseguem responder às expectativas quanto à aprendizagem, ao comportamento e ao relacionamento com os integrantes da comunidade escolar”. Essa lógica excludente compromete o pleno desenvolvimento do aluno, uma vez que limita suas possibilidades de aprendizagem, participação e emancipação, e perpetua um ciclo de exclusão que ultrapassa os muros da escola. Os efeitos do bullying e da exclusão social poderão não se restringem ao período escolar, mas podem acompanhar a vítima por toda a vida, influenciando de forma negativa no seu desenvolvimento pessoal, emocional e social. Como afirma Fante (2005) *apud* Hammes e Schwinn (2014):

Os efeitos do bullying afetam a todos, em especial às vítimas, que poderão ter seu processo de desenvolvimento comprometido. Dependendo da gravidade da exposição e temporalidade, as sequelas podem acompanhá-las além do período acadêmico. Poderão se tornar adultos inseguros, tensos, agressivos, deprimidos ou com dificuldades relacionais e afetivas. Poderão desenvolver transtornos e doenças de fundo emocional, adotar condutas ofensivas, reproduzir o sofrido em outros contextos, como o laboral e familiar (FANTE, 2005, *apud* HAMMES E SCHWINN, 2014, p. 3-4).

A gravidade e a duração da exposição a essas práticas de violência influenciam diretamente nas sequelas deixadas, que podem acompanhar o indivíduo além do período escolar. Nesse sentido, as vítimas de *bullying* tendem a apresentar dificuldades emocionais e relacionais, como insegurança, ansiedade e comportamentos agressivos, além de uma maior tendência a desenvolver transtornos psicológicos. Tais impactos podem refletir-se na vida adulta, afetando tanto o convívio familiar quanto o desempenho no ambiente profissional, o que demonstra a relevância de considerar esse fenômeno como um problema social de longo alcance.

Na próxima seção apresentamos os resultados da aplicação do questionário que aplicamos juntos aos estudantes de pedagogia

RESULTADOS E DISCUSSÃO: PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DE PEDAGOGIA, DA UFPA, SOBRE VIOLÊNCIA ESCOLAR E BULLYING

Compreender a violência escolar e o *bullying* a partir das perspectivas dos alunos, graduandos de Pedagogia, e que se tornarão futuros professores é fundamental para analisar como esses fenômenos são vistos e são vivenciados no cotidiano escolar. A percepção de cada aluno sobre a temática, pode traduzir como eles compreendem esse fenômeno e como eles vivenciam isso no dia a dia, tanto em suas vidas cotidianas, como no ambiente escolar, já que muitos já começaram suas experiências de estágio nas escolas. Dessa forma, os resultados da pesquisa buscam evidenciar como os estudantes interpretam a presença da violência, e mais especificamente, do *bullying* no espaço escolar, suas consequências nas relações pessoais e interpessoais, e como tudo isso pode interferir no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, bem como as estratégias que eles consideram eficazes para o enfrentamento dessas práticas.

O questionário foi aplicado a graduandos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, foi concretizada através de um questionário *on-line* elaborado no *Google Forms* e nele continha 10 perguntas fechadas e abertas. O período de coleta de dados foi de 05 de junho até 26 de junho de 2025 e obteve 22 respostas. Entre as perguntas iniciais estavam perguntas gerais sobre o perfil dos participantes (sexo, faixa etária, escolaridade, renda familiar), conforme perfil abaixo:

Tabela 1 – Perfil dos participantes da pesquisa

Variável	Categorias	%
Sexo	Feminino	72,7
	Masculino	27,3
Faixa etária	18 a 24 anos	27,3
	25 a 34 anos	50,0
	35 a 49 anos	18,2
	Acima de 50 anos	4,5
Escolaridade	Ensino superior incompleto	86,4
	Ensino superior completo	13,6
Renda familiar	Menos de 1 salário-mínimo	22,7
	Entre 1 e 2 salários-mínimos	59,1
	Entre 3 e 4 salários-mínimos	13,6
	Acima de 4 salários-mínimos	4,5

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

É possível observar que a maioria dos participantes é do sexo feminino (72,7%) e está na faixa etária entre 25 e 34 anos (50%). Em relação à escolaridade, temos o predomínio de alunos com ensino superior incompleto (86,4%). Quanto à renda familiar, a maior parte declarou receber entre 1 e 2 salários-mínimos (59,1%), o que revela um perfil de estudantes jovens, em sua maioria mulheres, em fase de formação acadêmica e com renda familiar baixa à média. Esse perfil de estudantes se enquadra no que foi pensado durante a construção dessa pesquisa.

A partir da quarta seção começam as perguntas mais específicas sobre a temática que visaram buscar subsídios para responder o objetivo principal da pesquisa. Assim, algumas perguntas foram feitas acerca do entendimento dos

estudantes sobre violência escolar e de que forma esse fenômeno se reproduz na escola. A seção se inicia com uma pergunta aberta na qual é questionado aos estudantes o que eles entendem por violência escolar. As respostas dos discentes evidenciaram que a violência escolar é compreendida de maneira ampla, abrangendo tanto agressões físicas, quanto agressões verbais, psicológicas e até morais, como afirmaram os estudantes A *“Violência é toda e qualquer agressão física, verbal, psicológica e moral praticada no espaço escolar”*. Para o estudante B é *“agressão física, psicológica, simbólica ou verbal”*. E para o estudante C *“É todo tipo de violência, seja ela física ou psicológica praticado por uma ou um grupo de pessoas contra outras pessoas. Dentro do ambiente escolar”*. Essas concepções entram em consonância com Abramovay (2002) e Charlot (2002), que consideram que a violência escolar ocorre em três níveis: violência física (golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo) incivilidades (humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito) violência simbólica ou institucional manifestada na falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos.

Outro ponto relevante identificado nas falas é a percepção de que a violência não se restringe ao espaço físico da escola, mas também ocorre em ambientes virtuais, apontando para o *cyberbullying* como um meio poderoso de práticas violentas, o que fica claro na fala do estudante D *“Comportamentos agressivos entre alunos que ocorrem tanto no ambiente físico como virtual. Ameaças, agressões e intimidações”*. Esse aspecto reforça os estudos de Abramovay (2016), que destacam a expansão das práticas de agressão para além dos muros escolares, ampliando suas consequências emocionais e sociais, e Zafani, Colombani e Yazawa (2024) que destacam a Internet como uma terra sem lei e que dá uma falsa sensação de anonimato, encorajando que indivíduos oprimam outros indivíduos.

Os estudantes também associaram a violência escolar a um ambiente que hostiliza e exclui os indivíduos e como isso interfere diretamente no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento emocional dos alunos, também se observou a consciência sobre fatores estruturais, uma vez que algumas respostas mencionaram a violência como reflexo de desigualdades sociais, discriminação e ausência de políticas educativas eficazes como relata o estudante E *“Entendo que a Violência escolar é todo ato que fere a dignidade do próximo, seja por meio de agressões físicas ou verbais, que torna o ambiente escolar hostil para as minorias que*

mais sofrem com esta prática que a sociedade, no geral, normaliza". O estudante F diz que a "Exclusão de alunos de rodas de conversa, silenciamentos, hostilidades, piadas maldosas, xingamentos e bullying e agressões proferidos à alunos geralmente negros e de classes inferiores". E o estudante G conclui que "A violência escolar é um problema crescente que afeta diretamente o ambiente de aprendizado, comprometendo o desenvolvimento emocional, social e acadêmico dos estudantes. Ela pode se manifestar de diversas formas, como agressões físicas, bullying, discriminação e até violência psicológica entre alunos, professores e funcionários. Esses conflitos, muitas vezes, são reflexo de desigualdades sociais, falta de diálogo e ausência de políticas eficazes dentro das instituições de ensino". Essas análises críticas dos alunos corroboram com a perspectiva de Abramovay (2002), ao indicar que a violência escolar não é um fenômeno que deve ser visto de maneira isolada, mas como expressão de problemas sociais mais amplos.

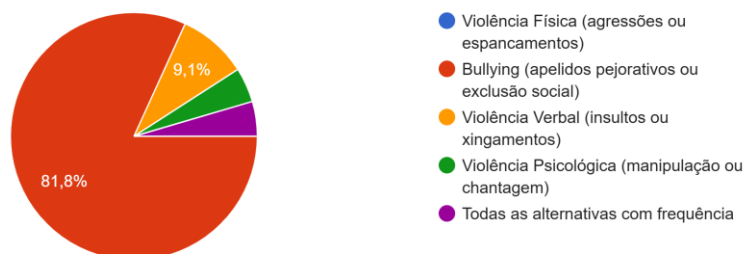
As respostas dos alunos à primeira pergunta revelaram um entendimento consistente de que a violência escolar é um fenômeno multidimensional e que afeta não apenas a vítima, mas toda a comunidade escolar. Para além dos impactos físicos, os estudantes reconheceram e entenderam que esse fenômeno alcança aspectos psicológicos, sociais e estruturais. As falas analisadas nos mostram que a violência compromete o desenvolvimento acadêmico e emocional, na medida em que reforçam desigualdades e fragilizam a convivência entre os pares. Nesse sentido, é de extrema importância que busquemos a prevenção e a promoção de uma cultura de paz dentro das escolas, integrando ações entre a escola, família e comunidade.

A segunda pergunta é uma pergunta fechada que questiona os estudantes sobre quais tipos de violência eles acham que ocorre com mais frequência no ambiente escolar.

Gráfico 1 – Tipos de violência na escola

2. Quais tipos de violência você considera que ocorrem com mais frequência nas escolas?

22 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

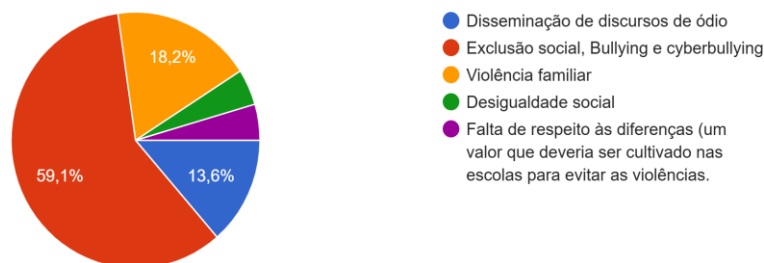
Os dados do gráfico 1 nos mostram que a maioria dos participantes (81,8%) consideram que o *bullying* (apelidos pejorativos ou exclusão social) é a forma de violência que acontece com mais frequência no ambiente escolar. Esse resultado evidencia que as agressões simbólicas e sociais são mais percebidas no cotidiano da escola do que as violências físicas, verbais e psicológicas. As respostas dialogam com Hammes e Schwinn (2014) e Abramovay (2016) que reforçam a ideia de que o *bullying* é um ato intencional e repetitivo, que se expressa através de práticas de exclusão, humilhação e intimidação. Essa predominância do *bullying* sobre as outras formas de violência confirma a relevância do fenômeno enquanto problema social e educacional, uma vez que suas práticas impactam diretamente o bem-estar e a aprendizagem.

O gráfico 2 reforça o que vimos no gráfico anterior, ele revela como a exclusão social, o *bullying* e o *cyberbullying* são os principais fatores da violência escolar.

Gráfico 2 – Principais causas da violência

3. Quais são as principais causas da violência escolar, na sua opinião?

22 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

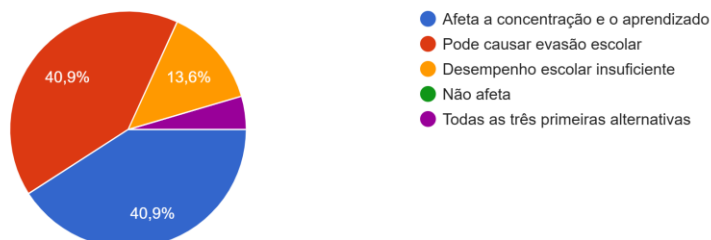
O gráfico 2 evidenciou que a maioria dos estudantes (59,1%) possuem uma visão clara sobre como o *bullying* se revela tão presente e tão constante dentro das escolas. Essas opiniões só reforçam o que foi dito no segundo tópico deste trabalho, que mostra como essas formas de intimidação são os principais canais da violência dentro das escolas. Os participantes também indicaram, com um bom percentual, a violência familiar (18,2%) como causa da violência escolar, isso demonstra como o ambiente familiar influencia diretamente no comportamento escolar dos alunos. Já 13,6% destacaram que a disseminação de discurso de ódio é uma das causas da violência na escola, isso demonstra como a problemática está conectada a questões sociais mais amplas.

O gráfico 3 mostra de que forma os estudantes acham que o *bullying* pode afetar o desempenho dos alunos.

Gráfico 3 – Impacto do bullying no desempenho

4. De que forma você acha que o bullying pode afetar o desempenho dos alunos?

22 respostas



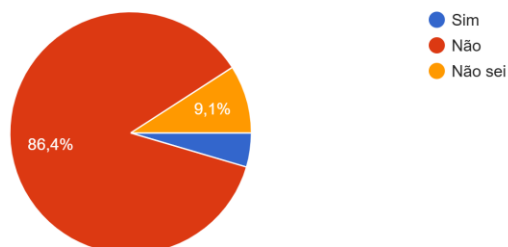
Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A análise do gráfico 3 demonstra que os estudantes entendem que o *bullying* é um fenômeno que compromete fortemente o processo de aprendizagem e pode levar à evasão escolar, ambas as opções com (40,9%), essas concepções confirmam a análise de Abramovay e Rua (2002), que afirmam que o ambiente escolar marcado por violência compromete a qualidade da educação e o rendimento dos alunos. Os 13,6% que destacam o desempenho escolar insuficiente mostram consonância com Charlot (2002), que lembra que para se ter um bom emprego, e consequentemente, um futuro melhor, isso deveria passar pelo êxito escolar, pela motivação e pela permanência do aluno na escola. Assim, esse gráfico mostra o entendimento teórico de que o *bullying* não é um fenômeno isolado, mas uma manifestação de violência estrutural que repercute no processo educativo.

A pergunta seguinte foi se os estudantes acreditam que o *bullying* é combatido e contido de forma eficaz nas escolas, o gráfico vai nos mostrar que a grande maioria acredita que o *bullying* não é combatido e contido de forma eficaz (86,4%), conforme o gráfico 4 a seguir:

Gráfico 4 - Efetividade do combate ao bullying nas escolas

7. Você acredita que o bullying é combatido e contido de forma eficaz nas escolas?
22 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Esses dados do gráfico 4 indicam que os estudantes não reconhecem a existência de estratégias pedagógicas, políticas institucionais ou práticas eficazes no enfrentamento desse problema, o que reforça a necessidade de programas de conscientização, capacitação docente e construção de uma cultura escolar pautada no respeito as diferenças. Abramovay (2002) aponta que quando a escola não assume uma postura ativa, o aluno se sente desprotegido, aumentando a percepção de que a violência é “normal” no ambiente escolar.

A penúltima pergunta do questionário foi uma pergunta aberta que questionou a opinião dos graduandos de Pedagogia sobre em que consistia o *bullying*. As respostas revelaram uma compreensão consistente do *bullying* como uma prática intencional e repetitiva, que se expressa sobretudo por agressões verbais, psicológicas, mas também físicas, alcançando o ambiente virtual. Como na fala do estudante A1 “O *bullying* consiste em um comportamento agressivo e que se torna repetitivo, muitas vezes intencional, praticado geralmente por um ou mais indivíduos contra uma ou mais pessoas dentro da escola ou mesmo fora da escola, com o real objetivo de intimidar, humilhar ou agredir, causando danos físicos e muitas vezes psicológicos as pessoas”. Assim como, na fala do estudante B1 “Consiste em qualquer comportamento agressivo, é intencional e repetitivo que pode ser praticado por uma ou mais pessoas”. O estudante C1 ainda acrescenta: “O *bullying* é uma forma de violência caracterizada por agressões intencionais, repetitivas e que envolvem desequilíbrio de poder entre as partes. Ele pode ser físico, verbal, psicológico ou

virtual (*cyberbullying*), e geralmente ocorre em ambientes como a escola, afetando profundamente a autoestima, o rendimento escolar e a saúde mental das vítimas”. Todas essas concepções convergem com o referencial teórico de Olweus (1978); Hammes e Schwinn (2014); Fante (2005), ao reconhecerem o *bullying* como um problema de várias dimensões, que afeta a autoestima, a saúde mental e o desempenho escolar do indivíduo que sofre essas agressões.

Os participantes também associaram o fenômeno ao desejo de superioridade e de alguma forma ter poder sobre outra pessoa, que fica explícito na fala do estudante D1 *“Ele consiste no desejo do praticante do bullying em ser superior a quem sofre a violência, podendo até mesmo ser um reflexo do que se vive fora do ambiente escolar”*. Do estudante E1 *“O bullying consiste em um padrão de comportamentos agressivos e intencionais que ocorrem repetidamente entre indivíduos em uma relação desigual de poder”*. E do estudante F1 *“De fazer uma pessoa se sentir incapaz por puro prazer ou por parecer legal na frente dos outros colegas, amigos, pessoas ao redor e até uma autoafirmação de superioridade em relação àquela pessoa”*. Essas falas se conectam com os estudos de Crochík (2014), que ressalta esse desequilíbrio nas relações de poder em nossa sociedade atual, contribui para a perpetuação da ideia de que o mais forte sempre se sobressai sobre o mais fraco, dando essa falsa sensação de superioridade. A fala do estudante G1 *“a falta de ação escolar, normalização da sociedade”*. Corrobora o que já foi dito neste trabalho sobre a falta de políticas educacionais consistentes, de prevenção e intervenção do *bullying* e do *cyberbullying*, que promovam a cultura e o respeito às diferenças.

A última pergunta, estava relacionada a opinião dos estudantes enquanto a melhor forma de prevenir o *bullying*, a análise das respostas evidenciou, que em sua maioria, os participantes entendem que a prevenção do *bullying* é um processo que perpassa pela escola, pela família e pela comunidade, no entendimento deles, essa não é uma responsabilidade de um só agente, mas depende do trabalho em conjunto dessas três instâncias. Essa percepção fica muito bem exemplificada na fala do estudante A2:

Na minha opinião a melhor forma de prevenir o bullying envolveria uma abordagem ampla, combinando educação, conscientização, criação de canais de denúncia e apoio psicológico dentro e fora da escola. É fundamental promover uma cultura de respeito e empatia, incentivando a comunicação aberta e a resolução pacífica de conflitos.

A educação começa em casa, mas se expande para o mundo externo onde cada cidadão deve fazer sua parte, a escola não menos importante, deve cumprir com seu papel e abordar temas associados a esta problemática para que este assunto seja melhor desenvolvido dentro e fora da escola, não somente com os alunos, mas também com pais e responsáveis de alunos (ESTUDANTE A2, 2025).

O estudante B2 também afirma: *“Programas de educação e conscientização que envolva os pais e os alunos. Intervenção mais eficaz nas escolas”*. As duas respostas reforçam a ideia de que a prevenção do *bullying* é uma tarefa de todos, e que a conscientização do problema precisa ser percebida de maneira ampla e que envolva outras esferas, como canais de denúncia e de apoio psicológico para termos uma intervenção mais eficaz. As opiniões dos estudantes dialogam com De Almeida (2023), que afirma que o intuito de amenizar esses problemas passa por vários níveis, desde as políticas educacionais até a sala de aula, onde se estabelecem várias relações, seja ela de boa conduta ou não.

Os estudantes destacam em suas falas a relevância de várias estratégias pedagógicas para a superação do *bullying*, entre elas estão as rodas de conversa, palestras, campanhas educativas e, claro, acompanhamento psicológico para a criação de um ambiente escolar saudável. Como na fala do estudante C2 *“Rodas de conversa e conscientização, palestras e atenção às denúncias dos alunos que passam por essas violências e também dos que praticam”*. E do estudante D2 *“Acredito que além de palestras e atos de conscientização ao combate do bullying, cabe aos responsáveis dos alunos e toda a comunidade escolar, conscientizar sobre os danos e consequências que essa prática trás para os alunos”*. O estudante E2 acrescenta: *“A escola deve promover o respeito às diferenças, incentivar a empatia e desenvolver projetos de conscientização com alunos, professores e famílias. A escuta ativa e o apoio psicológico às vítimas e agressores também são essenciais para romper o ciclo de violência e construir um ambiente escolar mais justo, seguro e acolhedor para todos”*. De Almeida (2023) diz que, para combater e prevenir a violência escolar é preciso identificar os protagonistas e personagens, analisando seus comportamentos e com isso desenvolver métodos dentro da escola que possa combater a violência escolar e prevenir com participação direta dos pais. A fala do estudante F2 leva o debate para uma outra esfera, que se mostra muito potente e que é essencial nos dias atuais, que é a internet, para ele *“Uma relação conjunto, entre*

pais, escola, amigos e políticas afirmativas, que poderiam ser até mesmo direcionadas e compartilhadas pelas redes sociais onde se tem maior intensidade de uso, como Tik Tok, Instagram, até mesmo, televisionada de forma mais efetiva e intensa pois pouco se vê políticas contra o bullying na televisão onde a maioria dos pais têm acesso, pois muitos pais são da geração dos anos 80, 90 e que não tem tanta acessibilidade à internet quanto os jovens de hoje e isso faz com que eles tenham pouco acesso, e noção do que está acontecendo no mundo lá fora, com as crianças, e com seus filhos próprios". Para ele é preciso que tenhamos políticas afirmativas que abrangem não só o ambiente da escola, mas também que sejam levadas para as redes sociais e para a televisão, ou seja, a ideia é de que o debate seja amplificado para que ele alcance muito mais pessoas e que em conjunto, todos possamos buscar soluções para a erradicação desse problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se concluir que a violência escolar e o *bullying*, mais especificamente, ultrapassam a esfera das relações interpessoais no ambiente escolar, configurando-se como um fenômeno social complexo que reflete desigualdades, práticas excludentes e relações de poder assimétricas.

No decorrer da pesquisa foi constatado que os objetivos foram alcançados à medida que ficou muito claro que os alunos de pedagogia da Universidade Federal do Pará possuem certos conhecimentos sobre os conceitos de violência escolar e *bullying*, conseguem identificar os principais tipos de violência que ocorrem em ambientes escolares e se mostraram bastante contundentes quanto a forma de enfrentamento desse problema. Os estudantes identificam o *bullying* como uma das formas mais recorrentes de violência escolar, ultrapassando a dimensão de um simples conflito entre pares e revelando-se como reflexo de uma sociedade marcada por desigualdades de todos os tipos e que se fazem presentes também no cotidiano escolar.

Os dados aqui analisados demonstram que a prática do *bullying*, compromete o processo de ensino-aprendizagem, fragiliza vínculos afetivos e impacta negativamente o desenvolvimento integral dos alunos, esses impactos poderão ser perpetuados e acompanhar a vítima até a fase adulta, gerando uma série de

problemas relacionados à saúde mental.

Foi possível observar também que os estudantes têm plena consciência de que a escola não tem conseguido combater de forma eficaz esse problema, e de que é necessário a junção de toda a comunidade escolar (pais, funcionários, professores, gestores) para tentar elaborar estratégias mais efetivas para a erradicação da violência em nossas escolas.

Nesse sentido, torna-se imprescindível que a escola, em articulação com a família e a comunidade, desenvolva ações preventivas e educativas pautadas no diálogo, no respeito e na valorização da diversidade, de modo a transformar o espaço escolar em um ambiente de convivência saudável. O enfrentamento do bullying exige uma abordagem coletiva e contínua, capaz de romper com a prática de exclusão e contribuir para a formação de sujeitos críticos, conscientes, solidários, empáticos e socialmente responsáveis.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, Unids, Banco Mundial, Usaid, Fundação Ford, Consed, Undime, 2002.

ABRAMOVAY Miriam, coordenadora. **Diagnóstico participativo das violências nas escolas: falam os jovens**. Rio de Janeiro: FLACSO - Brasil, OEI, MEC; 2016.

ABRAMOVAY, Miriam. **Programa de prevenção à violência nas escolas**: violência nas escolas. Brasília-DF, Flacso Brasil, 2ª edição, 2021.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443.

CROCHÍK, José Leon et al. Análise de concepções e propostas de gestores escolares sobre o bullying. **Acta Scientiarum. Education**, v. 36, n. 1, p. 115-127, 2014.

CROCHÍK, J. L. Dias, M. Á. de L., Freller, C. C., Correa, A. S., Correia, R. N. P. Hierarquias escolares: desempenho e popularidade. **Educação e Pesquisa**, 44, p. 1-16, 2018.

DE ALMEIDA, Maria Clélia Guedes. O enfrentamento da violência escolar: suas repercussões sobre a aprendizagem do aluno e o ensino do professor nos anos iniciais do ensino fundamental. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 6, p. 22-41, 2023.

GIL, Antônio, Carlos. **Como formular um problema de pesquisa**. Como elaborar projetos, 2002.

HAMMES, Jaqueline Machado; SCHWINN, Simone Andrea. Violência na escola: a prática do bullying e o caminho para a prevenção. **XI Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea**, [S. l.], p. 1-19, 2014.

PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Rev. Diálogo Educ**, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, jan/abr 2009.

SANTOS, Jaciete Barbosa dos; SOUZA, Lucimêre Rodrigues de; DIAS, Viviane Borges. Concepções de Professores Sobre Bullying e Formas de Enfrentamento no Contexto Escolar. **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, v. 32, n. 69, p. 42-58, 2023.

SILVA, Jorge Luiz da; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; BAZON, Marina Rezende, CECILIO, Sálua. Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. **Arq. bras. psicol.** 2013, vol.65, n.1, pp.121-137. ISSN 1809-5267.

ZAFANI, Gelci Saffiotte; COLOMBANI, Fabiola; Thaís, YAZAWA. A violência no ambiente escolar: Bullying e seus desdobramentos. In: CARVALHO, Alonso Bezerra de (org.). **Educação, ética e decolonialidade: contribuições para a formação de professores e a prática docente**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p. 125-148.